CAPISTRANO DE ABREU

Mozart Monteiro

Capistrano de Abreu foi, sobretudo, um erudito, quer se tome a palavra erudição no sentido corrente, quer com o significado que lhe é atribuido na terminologia da ciência histórica. Era quase um solitário. Tinha a paixão da leitura, mas pouca vontade de escrever. Quando realizava um trabalho, não se dava pressa em publicá-lo. Aos estudos de largo fôlego, preferia as monografias sintéticas. Não se preocupava em enfeixar, em volumes, seus escritos já divulgados através de jornais ou revistas. Dos poucos livros que publicou, não se interessava em que a tiragem fosse grande, nem que, esgotada uma edição, se fizesse outra.

Autoditdata, na mais alta e nobre significação do vocábulo, estudava por amor do conhecimento, para satisfazer ou alimentar sua própria curiosidade, científica ou filosífica, isto é, para saber; e, depois com incrível modéstia, divulgava uma parte apenas, do muito que sabia. Entretanto, verbalmente, era pródigo em ensinar aos que o consultavam. Escrevia principalmente para confrades e, às vezes, para si mesmo, e nunca para o grande público. Era atraido pelos estudos originais pela pureza das fontes inéditas, sendo, por isso mesmo, em geral profundo.

Com esse feitio, tornou-se Capistrano um dos expoentes da cultura nacional; mas sua obra só era realmente conhecida de limitado número de intelectuais, ou melhor, de um grupo, que, nesses lustros que se seguiram a sua morte, foram diminuindo.

Afinal, chegou o ano do centenário - 1953. Estava eu na Europa. Ali, fui convidado, pelo Presidente José Carlos de Macedo Soares, para realizar uma das conferências do Curso Capistrano de Abreu, com que o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro ia comemorar o centenário do grande historiador, que não quis ser membro da Academia Brasileira para continuar a pertencer apenas àquela Casa e, excepcionalmente, ao Instituto do Ceará, douta corporação da sua província natal.

Quando regressei ao Rio, três meses antes da comemoração projetada, só circulava, em nosso País, um livro novo sobre Capistrano. Como contribuição para o centenário, ele surgirá no Ceará com o título "Capistrano de Abreu - Vida e obra do grande historiador". Estava nas livrarias cariocas; vendia-se bastante; era mencionado por gente letrada, e bem acolhido pela imprensa. Era assim que um livro lançado na província, invadia, simpaticamente, a Capital do País. Eu mesmo, filho da Terra da Luz, tive agradável surpresa diante da penetração que essa obra realizava nos meios culturais do País. Pedro Gomes de Matos, o autor do livro, revelava a esta metrópole e, em consequência, ao Brasil, a vida historiada, e não

romanceada, de Capistrano de Abreu. Era necessário. Com o silêncio que envolvia cada vez mais a sua figura nas letras brasileiras, e com a sua obra, além de incompleta, esgotada, - começava Capistrano a ser, nos círculos intelectuais do País, o grande esquecido. Com efeito, meses antes do aniversário secular do seu nascimento, poucos intelectuais possuiam toda a sua obra, e muitos não haviam lido qualquer de seus livros.

A festa secular do autor de "Capítulos de História Colonial" foi, até certo ponto, o ressurgimento do Mestre nas letras nacionais.

As mais notáveis contribuições culturais, que se prestaram à comemoração do centenário de Capistrano - o maior sabedor dos primórdios do Brasil - foram: o "Curso Capistrano de Abreu, do Instituto Histórico, no qual professaram eminentes vultos das letras pátrias, e o livro de Pedro Gomes de Matos.

No "Esclarecimento", com que abriu a 1ª edição, chamava o autor a esta obra "contribuição para o livro que há de vir". E acrescentava: "Estas linhas são apenas um roteiro".

O livro de Pedro Gomes de Matos não era, com efeito, nem pretendia ser, uma biografia de Capistrano, isto é, a história da vida do grande historiador, conforme o conceito e o método, mais ou menos definidos, de "biografia moderna".

A biografia de Capistrano de Abreu, como história da vida do preclaro brasileiro, quer nos moldes de biografia antiga, quer nos padrões da biografia moderna não podia ser então escrita.

Na conferência que pronunciei no Instituto Histórico durante a solenidade comemorativa do centenário do Mestre, tive ensejo de dizer que, enquanto não fosse conhecido e explorado o opulento epistolário de Capistrano a João Lúcio de Azevedo não seria lícito escrever a história do grande cearense.

Foi talvez por isso que ninguém tentou fazê-lo; foi por isso, com certeza, que Pedro Gomes de Matos, bem orientado, procurou outro caminho.

O fato é que Gomes de Matos atingiu plenamente o seu objetivo. Quando escreveu este livro, a obra de Capistrano, pelo ineditismo de centenas de cartas autógrafas, o que aumenta o valor dessas fontes históricas, estava incompleta. As missivas a João Lúcio continuavam enclausuradas e inacessíveis na Biblioteca Nacional.

Entre a morte de Capistrano e a passagem do seu centenário, transcorre um quarto de século, que foi, por coincidência, o período áureo da literatura biográfica moderna, em todo o mundo, inclusive no Brasil; entretanto não surgiu, nem podia surgir, a biografia do egrégio brasileiro, por falta de fontes necessárias.

Mas, por ocasião do centenário do Mestre, houve, nos nossos meios cultos, tanto interesse por sua vida que o livro de Pedro Gomes de Matos

depressa se esgotou.Capistrano, que já estava ficando esquecido do público, ressurgiu em toda a sua grandeza. A nova geração intelectual do país entrou em contacto com ele e agora deseja conhecê-lo como um dos vultos mais altos da cultura brasileira.

Como repositório de fontes biográficas, - além de outros predicados, - a obra de Pedro Gomes de Matos nunca perderá o seu interrese. É um estudo histórico,baseado em documentos; e os trabalhos dessa natureza têm interesse permanente.Sucede, às vezes, que, à medida que vão ficando antigos, se tornam mais preciosos.Daqui a cem anos, ou seja, no 2º centenário do Mestre o livro de Pedro Gomes de Matos ainda será lido nas bibliotecas públicas, e citado fora delas. É um fato normal, no mundo da Historiografia.

Nos moldes em que foi vazado, muito mais amplos que os de uma biografia, este livro poderá ter edições sucessivas, sempre aumentadas e enriquecidas de novos informes e observações, à medida que se forem conhecendo, mais a fundo, a vida e a obra do grande erudito.

Esta obra, por ser essencialmente histórica, nunca será inútil nem desvaliosa.

Considerando quanto é rara, em qualquer país do mundo, uma biografia condigna, uma biografia perfeita ou, mesmo, verdadeiramente boa, chego a supor que o tipo lançado por Pedro Gomes de Matos poderia ser adotado para o estudo da vida de qualquer pessoa ilustre, especialmente para a biografia de historiadores, como Capistrano ou Varnhagen. Pode a biografia de um historiador ser escrita nos moldes da de um poeta, ou de um romancista? Pode alguém escrever a história de um historiador, sem conhecer a metodologia da História, e sem ser capaz de criticar a obra por ele produzida?

Esse tipo de estudo biográfico, esboçado por Pedro Gomes de Matos, é mais objetivo que a biografia propriamente dita; e é também mais imparcial, mais completo e mais verdadeiro. Pela sua objetividade, pela sua documentação, é, ainda por evitar as interpretações pessoais, quase sempre discutíveis , ele é menos sujeito a erro, na reconstrução histórica de uma vida humana. O subjetivismo é um dos maiores perigos da Biografia.

Na terminologia da ciência histótica, o citado tipo de estudo equivale à "erudição", cultivada no domínio da Biografia; mas a erudição, como análise e como fase preparatória do trabalho histórico, é de tal maneira elaborada no presente livro, que antecipando operações de construção e exposição, quase dispensa a tarefa sintética do historiador, ou biógrafo, com a circunstância de ser mais fidedigna, por provar e comprovar o que afirma; coisa que não conhece, aré agora, na chamada "biografia moderna", ou romanceada.

No campo doutrinário, o livro de Pedro Gomes de Matos poderá ser

considerado um exemplo de novo tipo de Biografia, tipo, por enquanto, apenas delineado, porém capaz de competir mais tarde, vantajosasmente, com o modelo já adotado de biografia moderna.

No ponto de vista de ciência histórica, - considerada a Biografia como ramo particular da História humana, - há mais facilidade e segurança em descrever assim,objetivamente, a vida de uma personagem ilustre, do que, entre a ficção e a realidade, tentar resucitar, com ciência e arte, uma vida histórica, com toda a complexidade e com toda a mobilidade que caracterizam a existência dos seres humanos.Entendo mesmo que a própria biografia moderna, - a de Strachey, de Maurois, de Ludwig e de Zweig, a despeito do vasto e favorável acolhimento que em todo o mundo lhe dispensam, ainda não é a biografia pura, a biografia autêntica, a biografia integral, a biografia verdadeira, a biografia perfeita, isto é, a História fiel e total de uma vida humana, escrita à luz da ciência histórica, sem sombra de fantasia. Em 1948, numa série de artigos que publiquei na minha seção ''Letras Históricas'', do ''Diário de Notícias'', tive ensejo de dizer, a propósito da morte de Ludwig, que a biografia romanceada era, em verdade, um ''romance biográfico''.

Graças ao livro de Pedro Gomes de Matos, aparecido no momento oportuno, como se trouxesse a missão especial de preencher ostensiva lacuna, muita gente neste país, como assento em congressos e academias, começou a ter notícia da vida e da obra de Capistrano de Abreu.Este livro, antes, durante e depois do centenário do Mestre, constituiu e constitui um serviço à nossa cultura.

Foi por isso mesmo que a 1ª edição, sem demora, se esgotou, e que a esse trabalho foram conferidos honrosos prêmios, quer no Ceará quer no Rio, onde lhe coube o prêmio criado pelo Congresso Nacional.

Este livro de Pedro Gomes de Matos, depois de haver contribuido para o brilhantissmo com que se comemorou o centenário de Capistrano de Abreu, será sempre útil, necessário e até, imprescindível a quem quer se interesse pela vida e pela obra do príncipe dos historiadores nacionais, o qual foi, também, no seu tempo, e em vários ramos do saber humano, uma das expressões mais fortes da cultura do Brasil.

Estas linhas servem de Prefácio à 2º edição da citada obra que já conquistou lugar definitivo na biografia capistraneana, do presente e do futuro.

Rio , março de 1977.

(''O Povo'' de Fortaleza)